

Os saberes das águas¹

Carla Ladeira Pimentel Águas²

Apresentação

Vivemos um tempo de perguntas fortes e respostas fracas. Como alerta Boaventura de Sousa Santos (2009), atravessamos um período de transição paradigmática, que testemunha a crise da hegemonia do modelo sociocultural da modernidade ocidental. Nesse sentido é que perguntas fortes – como o que fazer perante as mudanças climáticas e a crescente escassez de água do planeta, por exemplo – encontra respostas insatisfatórias dentro dos espaços hegemônicos, o que denuncia a urgência do diálogo com as culturas subalternizadas e derrotadas pelo processo colonial.

Inspirado por tais inquietações, a presente discussão tem como ponto de partida uma pergunta central: *em que medida os saberes não-hegemônicos podem contribuir para a busca de respostas frente à crescente escassez de água?* Essa indagação leva à delimitação do objetivo geral de pesquisa, que é o de *promover a recolha, a sistematização, a visibilização e o debate, em termos interculturais e interepistêmicos, dos saberes sobre as águas acumulados no decorrer dos tempos e transmitidos predominantemente pela via da oralidade pelas populações indígenas e quilombolas*. Desta maneira, proponho-me a desenvolver uma reflexão em torno dos conhecimentos invisibilizados acerca da água – seus usos, seus mitos, sua *produção*, conservação e relação com a vida cotidiana e o sagrado – a partir de diferentes matrizes epistêmicas.

Esta proposta, aqui apresentada a título preliminar, consistirá em um projeto de pós-doutorado, a ser desenvolvido junto ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre

¹ Trabalho apresentado no GT 02 – Interculturalidade epistêmica e perspectivas decoloniais na América Latina.

² Pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa/Universidade de Brasília (INCTI/UnB), doutora em Sociologia, e-mail: carlaaguas@gmail.com.

as Américas da Universidade de Brasília (CEPPAC/UnB). Nesse sentido, ainda é uma intenção inicial – portanto, sujeita a muitas transformações no decorrer do percurso – que prevê o desenvolvimento de atividades em três campos: a Chapada dos Veadeiros (GO), região *produtora* de água; o Sertão pernambucano, área afetada por sua escassez; e a região da bacia do rio Jatun Mayu, na Cordilheira Oriental dos Andes, na Bolívia. Dessa triangulação, segundo pretendo, irá emergir um estudo comparado, ancorado em articulações interinstitucionais a serem estabelecidas junto a centros de pesquisas das três regiões.

Recorte teórico

A reflexão sobre a água – seus ciclos, sua produção, conservação e uso; os rituais a ela ligados; os processos de desertificação e outros problemas relacionados à sua crescente escassez, etc. – passa necessariamente por uma crítica ao modelo de civilização e ao ideal de progresso construídos pelo Ocidente. Em termos abrangentes, conforme alerta Jack Goody (2008), é necessário um pensamento crítico capaz de combater o inevitável caráter etnocêntrico incorporado às tentativas de se descrever o passado ou o presente do mundo.

Como afirma Dipesh Chakrabarty (2000), foi através de caminhos peculiares que as diversas histórias existentes tenderam a tornar-se variações de uma única narrativa-mestra – a história da Europa. Essa construção eurocentrada depende da delimitação de um parâmetro epistêmico igualmente ocidental e ocidentalizante. Não existem epistemologias neutras – e as que clamam sê-lo são as menos neutras (Santos & Meneses, 2009a); porém, a ausência de reflexões sobre a geopolítica e a espacialidade na produção dos conhecimentos segue paralelamente à falta de reflexão crítica sobre um lugar epistêmico privilegiado, ocupado pelo homem branco, rico e cristão, tal como denuncia Nelson Maldonado-Torres (2008). É por isso que a reflexão epistemológica não deve incidir sobre os conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e nos seus impactos sobre as práticas sociais:

É à luz delas [das práticas sociais] que importa questionar o impacto do colonialismo e do capitalismo modernos na construção das epistemologias dominantes. O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (Santos & Meneses, 2009b: 7).

É a partir desta crítica que Santos e Meneses (*Ibidem*) descrevem o conceito de *epistemologias do Sul*, entendido como um conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão de saberes desencadeada, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, sob o manto de uma pretensa universalidade. Portanto, sublinha o diálogo horizontal entre os conhecimentos e busca a ampliação do leque de saberes tidos como válidos, credíveis e relevantes. Como já mencionado, Boaventura de Sousa Santos propõe dois procedimentos sociológicos para se fazer frente ao processo de invisibilização ao qual as culturas não hegemônicas foram condenadas: a *sociologia das ausências* e a *sociologia das emergências*.

A *sociologia das ausências* prevê a *ampliação do presente*, para que nele caibam as diversas experiências ocultadas ou descredibilizadas pela modernidade. O desperdício das experiências do mundo deve ser combatido a partir da ideia de copresença radical, ou seja, da percepção de que as práticas e os agentes situados dentro e fora do paradigma moderno são contemporâneos. O autor também propõe a *sociologia das emergências* como estratégia para *reduzir o futuro*, no sentido de transformá-lo em uma ideia menos distante e abstrata e mais próxima e palpável – o que viabiliza sua transformação.

Desta proposta de ampliação do presente e redução do futuro, deriva um terceiro conceito, imprescindível para uma real confrontação das monoculturas epistêmicas geradas pela modernidade capitalista: a proposta de *ecologia dos saberes* (Santos, 2006). Vimos discutindo que o capitalismo assenta, entre outras coisas, na produção contínua de uma diferença epistemológica, que não reconhece a existência de outros saberes igualmente válidos – o que gera silenciamentos e exclusões. Porém, a

diversidade epistêmica do mundo é potencialmente infinita, já que todos os saberes são contextuais: não há conhecimentos puros ou completos; há constelações de conhecimentos.

Se todo conhecimento é parcelar, as práticas sociais raramente assentam em apenas uma de suas formas e a noção de eficácia vai variar de acordo com o contexto. Boaventura Santos (2007) afirma que o conhecimento como intervenção no real – e não o conhecimento como representação do real – é a medida do realismo. Uma vez que nenhuma forma singular de conhecimento pode responder por todas as intervenções possíveis no mundo, todas elas são, de diferentes maneiras, incompletas. Quando o mundo é visto a partir deste enfoque, revela-se a inesgotável diversidade das experiências – a que Santos denomina *ecologia dos saberes* – o que implica na renúncia a qualquer epistemologia geral.

A par disso, vale lembrar que vivemos um momento de encruzilhada que alimenta inquietações, mais ou menos explícitas, acerca das possibilidades de sobrevivência humana dentro dos parâmetros pregados pela lógica do capital. A discussão acerca das mudanças climáticas e de seus efeitos sobre os regimes hídricos é um dos elementos mais flagrantes desse dilema. De acordo com José Antônio Marengo (2008), apenas no decorrer de 2007, segundo a Organização das Nações Unidas, 117 milhões de pessoas em todo o mundo foram vítimas de cerca de trezentos desastres naturais, incluindo secas devastadoras na China e na África e inundações na Ásia e na África. O autor acrescenta que, cedo ou tarde, a formação de desertos derivada das mudanças climáticas expulsará 135 milhões de pessoas de suas terras – na maioria dos casos, nos países pobres do planeta – ao passo que 1,8 bilhão de pessoas podem vir a enfrentar escassez crítica de água em 2025.

Estas e outras posições evidenciam os limites ou mesmo a inoperância da ideia de desenvolvimento proposta pelo capitalismo, o que anuncia a urgência de uma reflexão, a partir de várias frentes, acerca de outros modelos civilizatórios. A crise da água talvez seja o exemplo mais extremo do fracasso do paradigma hegemônico para

lidar com a existência humana (e não apenas ocidental) no planeta. Se a lógica do lucro e do individualismo – ou das *honras e riquezas*, como diria Spinoza – já demonstrou a sua incapacidade de lidar com o tema, o que outros modelos epistêmicos têm a dizer? É sobre essa questão que a presente pesquisa pretende se debruçar.

Considerações finais

O Sul, aqui entendido como uma metáfora do lugar de enunciação das populações subalternizadas – primeiro pelo colonialismo, depois pelo capitalismo – tem muito a dizer acerca dos dilemas para os quais somos todos arrastados. Como defenderam Fals Borda e Mora-Osejo (2003), em termos epistêmicos, a América Latina se vê perante uma *tarefa autopoietica*. Trata-se de um trabalho monumental, que nos exige um constante exercício de criatividade e de escuta, capaz de fazer frente ao secular silenciamento imposto pela colonização dos imaginários (LANDER, 2006) promovida pelo eurocentrismo.

Apesar das catástrofes alimentadas pela obsessão pelo crescimento infinito do capital, os caminhos da modernidade hegemônica são dominantes, mas não são únicos. A miopia do Ocidente não consegue ver as infinitas soluções de vida e de sobrevivência geradas por diferentes culturas através do tempo:

As alternativas à epistemologia dominante partem, em geral, do princípio de que o mundo é epistemologicamente diverso e que essa diversidade, longe de ser algo negativo, representa um enorme enriquecimento das capacidades humanas para conferir inteligibilidade e intencionalidade às experiências sociais (Santos & Meneses, 2009b: 12).

Se transportarmos essa certeza para a discussão acerca da água, é possível dizer que a universidade está diante de um manancial de saberes desperdiçados. Como defende Boaventura de Sousa Santos (2009), precisamos de respostas fortes para as indagações igualmente fortes da nossa atualidade, mas estas serão dificilmente encontradas apenas dentro dos limites da ciência moderna ocidental. Afinal, será que as

soluções para a crescente seca do planeta apenas poderão ser gestadas dentro da aridez do ambiente epistêmico que a produziu?

Referências bibliográficas

CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2000.

FALS BORDA, Orlando. A superação do eurocentrismo. Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre o nosso contexto tropical. In: SANTOS, Boaventura. *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'Um discurso sobre as ciências' revisitado*. Porto: Afrontamento, 2003, 673-681.

GOODY, Jack. *O roubo da história*. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDER, Edgardo. Pensamiento crítico latinoamericano: la impugnación del eurocentrismo. In: SANTOS, Boaventura; RODRÍGUEZ, César; ESCOBAR, Arturo; FALS BORDA, Orlando; MORA-OSEJO, Luís; LANDER, Edgardo; SADER, Emir; NATERA, Miguel; SUNKEL, Osvaldo, *Desarrollo, eurocentrismo y economía popular: más allá del paradigma neoliberal*. Caracas: Minep, 2006, 33-61.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, nº 80, 2008, 71-114.

MARENGO, José Antônio. Água e mudanças climáticas. In: *Estudos Avançados*, 22 (63), 2008, 83-96.

SANTOS, Boaventura S.. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 2006.

_____. «Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 2007, 11-43.

_____. “Um Ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal), in: *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009, 445-483.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Prefácio. In: *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009a 7-8.

_____. Introdução. In: *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina/CES, 2009b, 9-19.